

### **O gás da Bolívia e a história**

Na época do Brasil colônia uma nação era considerada rica se conseguisse acumular metais preciosos. A Espanha e Portugal eram ricos, pois possuíam colônias riquíssimas em ouro e prata. Com certeza uma nação com recursos naturais de interesse comercial pode ser rica até hoje. Mesmo assim, não possuindo metais preciosos a Inglaterra, ficou mais rica que estas nações exportando para esses países produtos que eles necessitavam. Na verdade a Inglaterra acreditou na sua capacidade de produzir e com isso conseguiu riqueza, ou metais preciosos através de suas indústrias, ou ainda melhor, através da riqueza do trabalho.

Não há dúvida da necessidade de fontes de energia que todos os países do mundo têm, e o Brasil não é exceção. Os países produtores de energia como o petróleo e o gás natural têm um mercado garantido e podem transformar esta riqueza natural em fonte de renda para o país e seu povo. O gás natural vindo da Bolívia é uma fonte de energia que alimenta muitas indústrias e automóveis brasileiros e toda uma estrutura foi criada aqui e na Bolívia para atender estes consumidores. O fato é que esta riqueza somente tem valor prático depois de explorada e vendida como está ocorrendo agora. É mais ou menos como se você fosse dono de uma grande fazenda de terras férteis e não tivesse dinheiro ou crédito para investir. Sem investimento aquela terra não se transforma em renda. Ou se investe ou permite-se que alguém invista em troca de uma parte da renda produzida ou de um aluguel. Com o gás natural da Bolívia se permitiu que empresas estrangeiras (Petrobrás inclusive) investissem para que aquela riqueza boliviana se transformasse em renda.

O investidor espera que possa recuperar o gasto feito em máquinas, equipamentos e tudo mais para que se possa produzir e ainda, após alguns anos, retire lucro do empreendimento. Foi isso que a Petrobrás fez na Bolívia em nome dos seus milhares de acionistas e do maior de todos o governo do Brasil. Para tomar esta decisão esta multinacional brasileira considerou o mercado consumidor do Brasil, os gastos necessários para o investimento e, sem dúvida, os interesses dos seus proprietários. A nacionalização do patrimônio da Petrobrás e de outras empresas estrangeiras na Bolívia atinge frontalmente os interesses dos investidores. Se a Bolívia acha que somente com o gás natural deixará de ser a nação mais pobre do continente, ela pensa ainda como Portugal e Espanha dos séculos XVII e XVIII. Atrair mais investimentos estrangeiros é um objetivo constante das nações que mais crescem no planeta desde a China comunista até os Estados Unidos capitalista.

Almejar a melhora na qualidade de vida do seu povo é obrigação de qualquer Estadista. Contudo nacionalizar patrimônio estrangeiro como forma de se fazer isto, é no mínimo contraditório. Com todo seu gás natural, ainda é muito pouco para tornar os bolivianos ricos. Precisam ter outras fontes de renda que poderiam vir de outros investimentos estrangeiros ou de parcerias com os países vizinhos. Este investimento não virá, pois não há animal mais arisco que o capital internacional. Renegociar contratos de fornecimento em condições melhores é bastante aceitável, mas unilateralmente causa desconfiança e afasta investidores.

Num primeiro momento a Bolívia poderá aumentar suas receitas com o gás e aumentar a aclamação popular, mas é um erro acreditar que não haverá reação. Mesmo que o governo brasileiro insista na sua bondade e tolerância com a Bolívia os industriais paulistas já procuram alternativas ao gás e os proprietários de automóveis podem utilizar outro combustível caso o gás se torne proibitivo. A Petrobrás deve acelerar seus investimentos na Bacia de Santos para diminuir ou até eliminar a dependência ao gás boliviano. O Brasil já cometeu erro semelhante com o café na década de 1980. Reteve café para forçar o aumento de preços internacionais. Resultado: perdemos mercado para Colômbia e países da África, até hoje não recuperamos estes mercados. Esperemos, para o bem de seu povo, que a Bolívia olhe para os livros de História antes dos rompantes populistas.

Paulo André de Oliveira  
Economista